

INTRODUÇÃO



Tem sido hábito referir o século XX como aquele em que se manifestaram progressos em áreas chave do conhecimento e da vida social que ultrapassam tudo o que fora feito até então.

A evolução no domínio dos condicionamentos das mulheres na vida social é uma dessas áreas fundamentais. A tal ponto que não se pode dizer que constitua uma evolução, mas trata-se na verdade de uma revolução na compreensão da pessoa humana.

Várias etapas marcaram essa revolução. A nível literário, com consequências imediatas nas implicações sociais, temos: Virgínia Woolf, no princípio do século XX, Simone de Beauvoir, a meio do século, e as Três Marias, já a apontarem para o que imaginavam ser a realidade do século XXI.

1. As Novas Cartas dizem claramente a sua DIMENSÃO POLÍTICA.

Esta afirmação diz a sua perenidade.

Tanto mais real quanto mais intensa se torna a subordinação das mulheres à estrutura patriarcal da sociedade.

Entre a publicação das Novas Cartas e a última das suas quatro edições, dois factos de dimensão política tiveram lugar:



- Por um lado, a emergência dos Estudos das Mulheres;
- Por outro, a apropriação pela sociedade patriarcal de algumas reivindicações das mulheres.

Ambos podem trazer potencialmente uma nova epistemologia.

Os códigos existentes na coisa política datam na melhor das hipóteses, de Kant e Max Weber. Ora Jonas, Levinas, Hannah Arendt estabelecem como categoria primeira da ciência política: a PLURALIDADE.

O homem não como senhor do mundo mas como parte da biodiversidade. A mulher que se diz no singular refere-se a um destino que é sempre plural e nesse plural se vem a reconhecer cada caso singular.

Porque digo isto? Que forma tão universalmente comum foi utilizada?

2. Pela primeira vez na história do movimento feminista e na sua expressão literária, a cumplicidade entre as mulheres foi ao mesmo tempo SUJEITO E OBJECTO de toda a trama de um livro.

Esta relação nasce de um princípio científico fundamental: o observador é sempre parte da observação do objecto.



Dizer a três a mesma realidade, analisá-la individualmente por vias rigorosas para convergir afinal nas mesmas grandes questões, fundir-se no dizer de outras, permanecer – eu-tu-nós- na constante erupção da escrita – tal é a aventura conseguida. Nesta aventura se encontram como pano de fundo Bergson, Levinas, Martin Buber e escritoras como Doris Lessing ou Natalie Sarraute.

3. Tal como num “fresco” tão importante é, nas Novas Cartas Portuguesas, a representação do motivo central como o pormenor que, de repente, irrompe a dar cor e significado novo ao que julgáramos completamente definido em si, nas suas cores e nos seus contornos.

A mensagem das Novas Cartas Portuguesas continua actual. Para lá das fronteiras que as mesmas atravessaram nestes anos, erguem-se novas fronteiras. Tornam a opressão cada vez mais forte porque cada vez mais mimética, cada vez mais moldada pelas instituições patriarcais, cada vez mais subalterna porque cada vez só aparentemente mais livres.

Nas Nonas Cartas não só a palavra diz a opressão, mas vai também às raízes mais fundas do que dizem

estas mulheres ou do que a psicanálise de uma só mulher diria. Se em muitos livros há referências e pequenas observações que dependem do mundo da psicanálise (é o caso da escritora magistral brasileira Clarisse Lispector), outros há, e as Novas Cartas são disso exemplo paradigmático, em que o inconsciente não sendo directamente o objecto do livro, o atravessa em todos os seus momentos. Pois bastará perguntar para que servem os parêntesis, as ligações nem sempre evidentes, senão como o apelo a uma escuta para além da imediata leitura?



O princípio da repetição, se é pedido pela urdidura do livro, é também obstinadamente a trama de cada história contada ou vivida: «Tentarei regressar assim ao meu princípio?» (p. 97)

É particularmente significativo a consciência do transfer que necessariamente se dá entre quem escreve e quem lê. É o que diz a frase magnífica: «Quem já então matámos e destruímos? De nós se utiliza, quem a nós nos quer e a quem parecer consentir utilizamos?» (p. 98)

No cerne do transfer e na repetição analítica volta constantemente a figura da mãe com a qual a paz não foi feita. Por isso talvez, dão uma mãe a Mariana: «A mãe que as três tivemos ou nunca».

O grito existencial tão comum quando esta região é atacada no processo analítico, tem aqui uma

expressão única: «A que mãe fugimos, que mãe nos fugiu?» (p. 132)



As Novas Cartas caracterizam-se por um constante vai e vem entre a expressão explícita do inconsciente e o diagnóstico da multiplicidade. Aí se encontra pela primeira vez expresso aquilo que o neofeminismo veio a tornar decisivo durante a década de 70: a relação entre o processo analítico e a prática política na luta das mulheres pela sua identidade.

A forma escolhida para imaginar o tipo de opressão a que as mulheres são sujeitas será a clausura. As próprias mulheres aceitam essa clausura: «(...) tanto faz aqui ou em Beja a clausura» (p. 48). Tão intensa, tão violenta, tão primeira na tomada de consciência de uma vida de mulher que não há nenhuma causa por mais nova e moral que seja a pode tornar aceitável. Por isso a sua autonomia a ela se refere como a violência usada: «Ninguém me peça, tente, exija, que regresse à clausura dos outros (p. 60)

É nessa clausura consentida que as Novas Cartas podem qualificar a subordinação da mulher ao homem: «Mulher: abastança do homem, sua semelhança, sua terra, seu latifúndio herdado» (p. 145). Não nasce esta convivência com o opressor, este sentimento interiorizado, de uma qualquer aprendizagem. São as práticas sociais, normas e ideologia, que veiculam a sujeição consentida em palavras e actos de todos os dias: «E se não foste à escola foi por teima do teu pai, que é de opinião dele

as raparigas não precisam de saber ler – pois o destino das mulheres é este, minha filha!» (p. 281).



Dois momentos deste processo parecer-nos-ão exagerados, mas a sua análise fria talvez sirva para alguma coisa. Trata-se da entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho: «A mulher hoje em dia sendo utilizada nos sectores de actividade, nas profissões que os homens hoje já rejeitam por más condições de trabalho e de remuneração». (p. 237) São as mulheres que sem consciência disso contribuem para o prolongamento da opressão nos novos tipos de sociedade. Assim, as Novas Cartas afirmam: «Do objecto produtor, de filhos e de trabalho dito doméstico, isto é, não remunerado, passou também a objecto consumido e de consumo: era dantes como uma propriedade rural para ser fecunda e agora está comercializada para ser distribuída» (p. 238).

Por outro lado, pressentem as autoras que na nova lógica do amor que as mulheres dizem, não basta que a narrativa mude de sujeito. Além ou aquém do negativo fotográfico produzido pela sociedade de dominação masculina é uma imagem outra que é preciso descobrir.

4. Em todos os livros há naturalmente um corpo a corpo do autor com a palavra. Também aqui as Novas Cartas são pioneiras. Inscrevem-se na grande corrente da literatura feminista em que a relação da mulher à escrita é um dos grandes temas explícitos

ou implícitos. Essa escrita permite deduzir uma identidade própria de mulher:

Existe por si própria.

Conhece-se.

Ou procura-se.

Ou descobre-se.



Que novo desafio espera hoje a mulher? Será viável?

As últimas três décadas colocam-me muitas dúvidas quanto à viabilidade de um movimento social das mulheres.

A sua dificuldade em assumirem-se como sujeitos nas relações e na vida social leva a considerar que o seu processo de socialização se encontra ainda moldado pela obediência aos cânones patriarcais.

Voltando ao estatuto de seres menores será muito difícil esperar, como a história dos últimos anos tem demonstrado, que nas suas mãos esteja um contributo decisivo para um mundo diferente.